

DESIGUALDADE NO ENSINO SUPERIOR: COR, *STATUS* E DESEMPENHO

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas – UNEB/ UFBA

GE: Grupo de Estudos Afro-brasileiros e Educação /n.21

Agência Financiadora: Não contou com financiamento.

Introdução

O acesso ao ensino superior está historicamente relacionado ao alcance e manutenção de privilégios, o que explica o seu caráter fortemente seletivo. No Brasil, diversos autores têm desenvolvido esforços para compreender o modo como ocorre a participação dos segmentos sociais nesse nível de ensino (Brito e Carvalho, 1978; Castro e Ribeiro, 1979; Ribeiro, 1981, 1983, 1990; Serpa, 1989; Monteiro, 1990; Bessa, 1990; Zucco, 1996; Santos, 1997; Maggie, s/d; Nogueira, Romanelli e Zago [orgs], 2000). Para Serpa (1986), o caráter seletivo do ensino superior foi reforçado, no Brasil, pelas características que assumiu a criação do sistema educacional, estruturando o ensino superior antes do ensino primário, no início do século.

A grande expansão das vagas, nas universidades, ocorrida nos anos 60 e 70 não foi capaz de mudar essa característica. A ampliação do acesso não foi acompanhada por um processo de democratização na participação nas áreas e cursos no interior da universidade. No contexto de uma política voltada para promover o crescimento econômico do país, a partir do financiamento externo, tal expansão visava a preparação de recursos humanos para suprir as necessidades futuras de mão-de-obra demandada pelo processo de crescimento, através da formação de cientistas, pesquisadores e técnicos. Esse processo, ao contrário de democratizar oportunidades, parece ter mantido e, até mesmo, aprofundado a seletividade que marca esse nível do sistema de ensino (Brito e Carvalho, 1978).

Ribeiro (1983) considera o sistema educacional brasileiro como um dos mais seletivos do mundo. Estudos têm apontado o aumento da participação de estudantes provenientes de famílias de elevada condição socioeconômica, nos cursos oferecidos pelas instituições de ensino superior, aprofundando a desigualdade de acesso às oportunidades

educacionais. Maggie, (s/d. 3)¹ observa que “*na verdade não há propriamente ricos e pobres na universidade, porque para ingressar no sistema universitário é preciso já ter um certo nível de renda, um capital cultural*”. Para a autora, o aumento das vagas que permitiu o acesso de um maior contingente de mulheres, negros e estudantes das periferias ao ensino superior revela-se “*um sistema que quanto mais muda, mais permanece o mesmo*” (Maggie, idem). A tendência à seletividade evidencia-se não apenas no acesso ao ensino superior de um contingente melhor aquinhado em termos de herança familiar e educacional, mas, sobretudo, nas escolhas de determinadas carreiras por candidatos que apresentam perfis socioeconômicos muito similares (Ribeiro, 1987).

O papel da equidade subjacente ao acesso à universidade, *seu papel de reparar ... as injustiças sociais, praticamente não atinge os níveis sociais que na sociedade brasileira são de fato carentes*, observam Castro e Costa Ribeiro (1979: 10). Uma das razões está relacionada a deficiências nos níveis anteriores de ensino. Os “*de fato carentes*” quase não terminam o secundário e, portanto, não são afetados por uma abertura ou um fechamento da universidade. Mesmo constatando uma progressiva elevação na participação dos níveis sócio-econômicos menos elevados na universidade, consideram que *essa tendência é bastante modesta* (idem). Analisando dados do final dos anos setenta, os autores mostravam-se pessimistas, com relação à maior abertura do ensino superior aos grupos economicamente menos aquinhoados: *diríamos não haver evidências de que a universidade se abra para grupos sociais de origem mais modesta* (p.13).

Prior (1984), resenhando estudos realizados nas décadas de 60 e 70 conclui que nesses estudos *as variáveis sócio-econômicas e de origem familiar repontam como sendo as de influência poderosa na determinação do sucesso acadêmico* (p.21). O estudo de Brito e Carvalho (1978), sobre o acesso à Universidade Federal da Bahia. Observam os autores que quanto mais intensa a competição por vaga, mais os candidatos de status mais alto são favorecidos. As próprias condições e privilégios de seu status levam a que sejam classificados em proporções sempre superiores à sua parcela de inscritos.

O vestibular tem sido frequentemente um alvo privilegiado por essas análises. No final dos anos 80, Castro e Ribeiro (1979), contrariando a observação pessoal dos professores de que os alunos que ingressavam na universidade apresentavam um nível

¹ O trabalho da autora é posterior a 1995, vez que traz referências a publicações desta data.

melhor do que o de outros tempos, consideravam que a universidade estava recebendo alunos de nível, em média, inferior aos que recebia antes. Para os autores tinha havido uma queda na competência do alunado, sugerindo que os mais fracos de agora seriam ainda mais fracos do que os de antes. Brito e Carvalho (1978) observam a questão de um outro ponto de vista, mostrando que a competência do alunado está relacionada ao seu status socioeconômico. Assim, nos cursos de mais alta seletividade sócio-econômica, que são também os de maior competitividade, são freqüentados por estudantes de mais elevado desempenho. Ao contrário, os cursos de baixa seletividade *tendem a recrutar candidatos que se caracterizam tanto por um status sócio-econômico como por uma capacitação pessoal mais precária* (p.102).

Como se pode constatar, os estudos sobre o caráter seletivo do ensino superior no Brasil têm se centrado, freqüentemente, na análise dos determinantes econômicos desse processo, sem levar em conta o efeito de outros elementos como a cor e o gênero que, assim como o *status*, são responsáveis pela exclusão de considerável parcela da população das oportunidades de acesso ao ensino superior no Brasil. Por considerar a relevância dessas categorias no processo de seletividade social que se verifica no sistema superior de ensino, é que faço a opção por analisar o desempenho² dos estudantes, em dois pontos importantes do seu trajeto escolar, nesse nível de ensino, considerando, ao lado do status socioeconômico, também a cor.

Cor, *status* e desempenho na ufba

Confirmando as evidências dos estudos referidos na seção anterior, também na UFBA o contingente mais representativo é pertencente a famílias de *alto status*³ socioeconômico.

² Para exame do desempenho do estudante foram considerados dois momentos da vida acadêmica: o vestibular, através da pontuação atingida pelo estudante, e o terceiro semestre do curso, considerando o seu coeficiente de rendimento. Como os dados referentes ao resultado do vestibular só eram comparáveis para alguns anos, a saber, 1993, 1994 e 1995, tomei, para análise apenas as informações referentes a esse período. O terceiro semestre foi estabelecido como marco para análise do rendimento do estudante, pela necessidade de tomar o desempenho de todos no mesmo ponto do curso.

³ O *status* socioeconômico do estudante foi determinado pela associação entre ocupação e escolaridade do pai, e resultou numa escala de cinco posições: Alto, médio superior, médio, médio inferior, baixo superior, baixo inferior.

Quase três em dez estudantes que freqüentam a Instituição pertencem a esse segmento social. Embora em menor proporção, é também representativo o contingente oriundo de famílias de *status médio* e *médio superior*; aproximadamente dois em dez estudantes, em cada um destes estratos. A Universidade, portanto, não se apresenta como um espaço favorável a presença de estudantes de *baixo status* socioeconômico

A associação entre *status* e cor evidencia que os brancos e morenos⁴ são os contingentes de mais elevado *status* socioeconômico, com quase seis em dez estudantes brancos e quase a metade morenos. Ao contrário, os mulatos e pretos estão melhor representados nos grupos de *status médio e baixo*, confirmando o que já se conhece a respeito da situação socioeconômica desses segmentos raciais, na realidade brasileira. A metade dos pretos é oriunda de famílias de *status médio inferior e baixo superior* e é pouco expressiva a proporção de estudantes provenientes de famílias de *status baixo inferior*, mesmo entre os pretos, o que tampouco surpreende, em se tratando de uma universidade com o perfil da UFBA⁵. Contudo, eles têm maior presença entre mulatos e pretos, como mostra a tabela abaixo (Tabela 1).

Tabela 1 – Distribuição percentual dos estudantes segundo o status-socioeconômico e a cor

	Total	Branca	Morena	Mulata	Preta
Alto	26,2	35,8	26,0	17,3	9,9
Médio superior	21,0	23,0	21,7	17,6	16,4
Médio	20,8	21,4	21,1	20,9	15,4
Médio inferior	15,8	11,5	15,6	20,5	24,4
Baixo superior	12,4	6,3	11,6	18,0	29,3
Baixo inferior	3,9	2,8	4,0	5,0	4,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

Desempenho no vestibular e rendimento no curso

⁴ Foram utilizadas as categorias *branca, morena, mulata e preta*, num processo de classificação atribuída pelo pesquisador.

⁵ A universidade mais antiga e prestigiada do Estado.

O exame do desempenho no vestibular considerando a condição racial evidencia que, como em outros aspectos observados, ao gradiente de cor, corresponde uma gradação na média de pontos atingida pelos estudantes, que coloca os brancos como detentores da maior média e os pretos na situação menos favorável, conforme indica a Tabela 2.

Tabela 2 - Médias de pontos no vestibular segundo a cor do estudante

Branca	5,99
Morena	5,87
Mulata	5,60
Preta	5,46

Fonte: Pesquisa direta

sig.: $\infty < 0,1$

A análise evidenciou uma associação entre cor e rendimento no curso. Do mesmo modo que se observou com relação à média de ingresso, ao gradiente de cor, corresponde uma gradação na média de rendimento que determina para os brancos a média mais elevada e para os pretos a mais baixa (Tabela 3).

Tabela 3 - Médias de rendimento no curso segundo a cor do estudante

Branca	5,76
Morena	5,57
Mulata	5,39
Preta	5,35

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

sig.: $\infty < 0,1$

O exame do desempenho considerando o *status* socioeconômico da família e a cor do estudante revelou uma associação entre estas duas características, evidenciando que as médias mais elevadas pertencem aos mais *claros*⁶ e de mais elevado *status*. Em quase todos os níveis de *status* se observa, como para o conjunto da população, uma gradação em que os brancos estão melhor situados e os pretos atingem as médias mais baixas. Contudo, no nível de *status* menos elevado, no segmento de *status baixo inferior*, essa regularidade é

⁶ Chamei de *claros* ao contingente formado pelos *brancos* e *morenos* e *escuros* o contingente formado pelos *mulatos* e *pretos*

alterada e os pretos vão apresentar uma média de aprovação no vestibular próxima à dos morenos (Tabela 4).

Tabela 4 - Médias de pontos no vestibular segundo o *status* socioeconômico da família e a cor do estudante

	Geral	Branca	Morena	Mulata	Preta
Alto	6,24	6,30	6,27	6,00	5,82
Médio Superior	5,90	6,08	5,88	5,65	5,55
Médio	5,81	5,90	5,86	5,64	5,47
Médio Inferior	5,65	5,77	5,70	5,53	5,42
Baixo Superior	5,57	5,67	5,64	5,54	5,37
Baixo Inferior	5,60	5,70	5,65	5,34	5,63

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

sig.:∞ <0,1

A análise do rendimento do estudante no curso, considerando o *status* socioeconômico da família e a cor, mostra que, entre os estudantes de alto *status* socioeconômico, as médias mais elevadas são dos estudantes *brancos* e *morenos*; os estudantes *mulatos* têm média mais elevada no grupo de *status médio inferior* e os estudantes pretos têm sua maior média no grupo de *status baixo inferior* (tabela 5).

Tabela 5 - Médias de rendimento no curso segundo o *status* socioeconômico da família e a cor do estudante

	Geral	Branca	Morena	Mulata	Preta
Alto	5,88	6,06	5,88	5,24	5,63
Médio Superior	5,57	5,79	5,49	5,28	5,63
Médio	5,56	5,62	5,64	5,34	5,11
Médio Inferior	5,38	5,42	5,32	5,72	5,12
Baixo Superior	5,14	5,79	5,59	5,66	4,99
Baixo Inferior	5,63	5,75	5,57	5,34	6,23

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

Sig. :∞ <0,1

Desempenho e origem escolar

O exame do desempenho no vestibular, considerando o tipo de escola freqüentada no segundo grau, indicou que os estudantes oriundos da escola privada, em todos os segmentos raciais, exibem melhor desempenho que os oriundos de uma escola pública. O mesmo se observa com relação ao rendimento no curso; também os estudantes vindos da escola privada apresentam médias mais elevadas que os que vieram de escolas públicas, embora com diferença menos significativa.

O desempenho segundo a cor, mostrado na Tabela 6, evidencia que os estudantes da escola pública têm rendimento muito homogêneo. Com relação aos que vieram da escola privada as distâncias são um pouco mais perceptíveis; aí o rendimento dos estudantes acompanha o gradiente de cor, de modo que a média mais elevada é a dos brancos e a mais baixa a dos pretos. É possível pensar que essa diferença se deva a tipos diferenciados de escola privada freqüentada pelos distintos segmentos raciais.

Tabela 6 - Médias de pontos no vestibular e médias de rendimento no curso, segundo a cor e o tipo de escola de segundo grau

	Pública		Privada	
	Escore	Rendimento	Escore	Rendimento
Branca	5,57	5,47	6,13	5,86
Morena	5,57	5,32	6,06	5,72
Mulata	5,43	5,29	5,79	5,50
Preta	5,36	5,30	5,67	5,50
Geral	5,51	5,34	6,04	5,74

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

A observação do desempenho no vestibular do grupo de estudantes de *alto status* sócio-econômico oriundos da escola privada evidencia que os morenos seguidos dos brancos têm as maiores médias de ingresso, sendo dos pretos a mais baixa. Contudo, quando se observam as médias de rendimento no curso, se percebe que uma vez passada a situação de

competição característica do vestibular, os pretos passam a ocupar uma posição melhor do que a dos mulatos aproximando-se da posição dos morenos (Tabela 7).

Tabela 7 - Médias de pontos no vestibular e rendimento no curso, dos estudantes de *alto status*, vindos da escola privada

	%	Escore	Rendimento
Branca	42,6	6,35	6,11
Morena	46,7	6,32	5,96
Mulata	8,5	6,16	5,49
Preta	2,2	6,03	5,91

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

sig.:∞ <0,5

Entre os estudantes de baixo *status* vindos da escola pública, os pretos, justamente os que estão mais sujeitos a desvantagens, apresentam média mais elevada tanto de ingresso quanto no curso, embora a relação não se revele significativa. É possível entender o melhor desempenho dos pretos nesse grupo, como fizeram outros autores (Andrews,1998), a partir de um empenho maior desse segmento para superar sua situação mais desfavorável. Talvez para os pretos, mais que para outros segmentos raciais, o curso superior represente alguma possibilidade de ascensão social, sobretudo em se tratando de estudantes oriundos da escola pública (Tabelas 8 e 9).

Tabela 8 - Médias de pontos no vestibular dos estudantes de baixo status, vindos da escola pública

	%	Escore
Branca	20,9	5,50
Morena	46,9	5,57
Mulata	20,9	5,33
Preta	11,2	5,61

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

sig.:∞ > 0,5

Tabela 9 - Médias de rendimento no curso dos estudantes de baixo status, vindos da escola pública

	Rendimento
Branca	5,29
Morena	5,31
Mulata	5,60
Preta	6,27

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

sig.:∞ >0,5

Desempenho e prestígio da carreira

O status socioeconômico do estudante tem uma determinação sobre o nível de prestígio da carreira em que está situado. Como evidencia a Tabela 10, mais da metade dos estudantes de elevado *status* socioeconômico (*status alto* e *médio superior*) estão em carreiras de elevado prestígio social (*alto* e *alto médio*). Os que estão em carreiras de *baixo* e *médio baixo* prestígio não chegam a um terço. Dos estudantes de *baixo status*, pouco mais de um décimo estão situados em carreiras de *alto* e *médio alto* prestígio. Eles estão mais concentrados nas carreiras de médio e baixo médio prestígio.

Tabela 10 – Distribuição dos estudantes segundo o *status* socioeconômico e o nível de prestígio da carreira e a cor

<i>Status/prestígio</i>	A e AM	M	MB e B
Alto	33,6	19,8	13,4
Médio Superior	21,9	22,8	18,4
Médio	19,9	20,0	22,6
Médio Inferior	12,8	16,7	21,8
Baixo Superior	9,1	15,3	18,2
Baixo Inferior	2,7	5,1	5,7
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta

sig.:∞ >0,5

A – *alto*; AM – *alto médio*; M – *médio*; MB – *médio baixo*; B – *baixo*.

A análise do desempenho no vestibular, considerando o prestígio da carreira, mostra que quanto mais valorizada esta, maior a média de pontos do estudante no vestibular,

sinalizando para o padrão da disputa por vaga na UFBA. Em todos os níveis de prestígio, evidencia-se o melhor desempenho dos brancos e morenos (tabela 11).

Tabela 11 - Médias de pontos no vestibular segundo o prestígio da carreira e a cor do estudante

	Geral	Branca	Morena	Mulata	Preta
Alto	6,57	6,59	6,59	6,48	6,38
Alto Médio	5,60	5,63	5,62	5,56	5,44
Médio	5,42	5,46	5,42	5,37	5,36
Médio Baixo	5,34	5,36	5,40	5,23	5,19
Baixo	5,07	5,07	5,03	4,97	4,95

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

sig.: $\infty < 0,1$

As maiores médias de rendimento são as dos estudantes que estão em carreiras de *alto* prestígio social, embora as menores não sejam aquelas dos estudantes em carreiras de *baixo* prestígio, como, inversamente, se poderia supor. Ao contrário, entre os pretos e mulatos os estudantes que estão em carreiras de *baixo* prestígio têm médias relativamente elevadas (tabela 12).

Tabela 12 - Médias de rendimento no curso segundo o prestígio da carreira e a cor do estudante

	Geral	Branca	Morena	Mulata	Preta
Alto	6,50	6,61	6,49	6,19	6,23
Alto Médio	5,47	5,49	5,33	5,59	5,85
Médio	4,96	4,89	4,99	4,99	4,96
Médio Baixo	4,33	4,28	4,32	4,53	4,15
Baixo	5,49	5,24	5,42	5,65	5,82

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

sig.: $\infty < 0,1$

O exame do rendimento do grupo de *alto status*, em carreiras de *alto* prestígio revela que é dos pretos a maior média de rendimento no curso, como evidencia a Tabela 13.

Tabela 13 - Médias de rendimento no curso dos estudantes de *alto status* socioeconômico em carreiras de *alto* prestígio segundo a cor

	%	Rendimento
Branca	45,5	6,71
Morena	45,1	6,59
Mulata	7,9	5,90
Preta	1,7	6,75

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

sig.:∞ < 0,1

Entre os estudantes do grupo de carreiras de alto prestígio, cujos pais têm escolaridade superior, as maiores médias de ingresso e de rendimento são os morenos e brancos (Tabelas 14 e 15).

Tabela 14 - Médias de pontos no vestibular dos estudantes em carreiras de *alto* prestígio, cujo pai tem escolaridade superior, segundo a cor

	%	Escore
Branca	30,3	6,63
Morena	52,6	6,66
Mulata	14,5	6,60
Preta	2,6	6,51
Total	100,0	6,64

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

sig.:∞ > 0,5

Tabela 15 - Médias de rendimento no curso dos estudantes em carreiras de *alto* prestígio, cujo pai tem escolaridade superior, segundo a cor

	Rendimento
Branca	6,60
Morena	6,59

Mulata	6,01
Preta	6,36

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

sig.: $\infty < 0,1$

Os estudantes das carreiras de *alto* nível de prestígio, cujo pai não completou o antigo curso primário, têm médias de ingresso e de rendimento inferiores àquelas dos estudantes cujo pai tem escolaridade superior, evidenciando o efeito da escolaridade do pai sobre o desempenho do estudante. É dos brancos a média mais elevada, seguida da dos pretos. Pretos e mulatos têm as maiores médias de rendimento no curso (Tabela 16).

Tabela 16 - Média de pontos no vestibular e rendimento no curso, dos estudantes em carreira de alto prestígio, cujo pai têm escolaridade primária incompleta

	Escore	Rendimento
Branca	6,73	5,85
Morena	6,49	6,00
Mulata	6,37	6,23
Preta	6,70	6,52

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

sig.: $\infty > 0,5$

O exame do rendimento no curso, dos estudantes de *baixo status* sócio-econômico, em carreiras de *alto* prestígio social evidencia um quadro peculiar, embora a relação não seja significativa (Tabela 17). Mesmo sendo dos pretos a menor média, os mulatos apresentam o melhor desempenho. O feito dos mulatos nesse contingente é surpreendente, quando se sabe que eles, ao lado dos pretos, são os que estão sujeitos às condições mais desfavoráveis. Sua situação corresponde à daqueles estudantes de famílias populares que ingressam em universidades públicas em carreiras *altamente selecionadas e supervalorizadas socialmente*, analisada por Portes (2000). Esses estudantes, considerados *superselecionados*, são vistos como uma *improbabilidade estatística*, por conseguirem superar a desvantagem inicial decorrente da *atmosfera cultural do seu meio* (46). No caso dos estudantes mulatos e pretos, a essa desvantagem, que decorre da sua condição socioeconômica, associam-se os efeitos da discriminação racial, constituindo-se em barreiras poderosíssimas a serem superadas, aumentando para eles, portanto, a *improbabilidade*. A esse respeito, Andrews (1998), comentando depoimentos de negros que

atingiram posições valorizadas no mercado de trabalho, observa que para essas pessoas *os obstáculos são considerados tão enormes que aqueles que continuam a lutar contra eles acham que a única maneira de triunfar é se transformando em super-humanos* (p.271).

Tabela 17 - Medias de rendimento dos estudantes de baixo *status* socioeconômico em carreiras de *alto* prestígio segundo a cor

	%	Rendimento
Branca	28,0	6,73
Morena	58,0	6,52
Mulata	4,0	7,31
Preta	10,0	6,11

Fonte: Pesquisa direta

Sig. :∞ >0,5

Desempenho segundo a carreira e cor

O exame do desempenho do estudante por carreira de *per se* revela que os estudantes brancos obtêm maiores médias de ingresso em quase a metade das carreiras. Os morenos têm médias mais elevadas em pouco mais de um terço, os pretos em 9,5%, e os mulatos em 7,5%. Assim, os *claros* têm médias mais elevadas em mais de quatro quintos das carreiras (Tabela 18).

Tabela 18 - Médias de ingresso segundo a média mais elevada por carreiras e a cor do estudante

	%
Branca	49,0
Morena	43,0
Mulata	7,5
Preta	9,5
Total	100,0

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

Sig. :∞ < 0,1

Nas carreiras de todos os níveis de prestígio, os *claros* têm médias de ingresso mais elevadas numa maior proporção que os *escuros*. Assim, eles obtêm maiores médias em mais de quatro quintos das carreiras de *alto* prestígio; sete décimos nas carreiras de *médio alto* prestígio; quatro quintos das carreiras de *médio* prestígio; na totalidade das carreiras de *médio baixo* prestígio e em mais de quatro quintos das carreiras de *baixo* prestígio. Ao contrário, quando se trata do rendimento no curso, eles têm maior proporção de médias mais elevadas apenas nas carreiras de alto prestígio. Nas carreiras dos demais níveis, a maior proporção de médias mais elevadas é dos *escuros*, como mostra a Tabela 19.

Isso mostra que é pelas carreiras de *alto* prestígio que se trava a disputa mais acirrada entre os segmentos raciais, porque são essas que vão conferir maiores vantagens, tanto no mercado de trabalho quanto como elemento de distinção social.

Tabela 19 – Distribuição percentual das carreiras, por nível de prestígio, segundo a média mais elevada do estudante e a cor

	Escore					Rendimento				
	A	MA	M	MB	B	A	MA	M	MB	B
Claros	81,8	70,0	75,0	100,0	85,7	54,4	30,0	25,0	30,7	28,6
Escuros	18,2	30,0	25,0	-	14,3	45,4	70,0	75,0	69,3	71,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

Embora seja dos *claros* a situação mais privilegiada, chama atenção no grupo de carreiras de *alto* prestígio o desempenho dos mulatos e pretos em *Medicina*, a carreira mais prestigiada de todo o *ranking*. O fato de apresentarem médias mais elevadas de rendimento, ao lado da sua reduzida presença na carreira, aponta para a dimensão da seletividade aí presente, indicando que apenas aqueles de desempenho excepcional entre os mulatos e pretos se sentem encorajados a competir pelos cursos mais valorizados (tabela 20a).

Sendo minoritários na UFBA, e representando o grupo racial mais sujeito a desvantagens, chama atenção a situação dos *escuros* com relação ao rendimento nas carreiras das demais áreas, sobretudo quando se trata de carreiras altamente prestigiadas, em que pese o melhor desempenho dos brancos e morenos (Tabelas 20 b,c,d,e).

Conclusões

À UFBA tem acesso um contingente de elevado *status* socioeconômico (*alto* e *médio superior*). Nesse patamar estão situados quase seis em dez estudantes do segmento branco e quase a metade dos morenos. Assim, esse é um espaço que se mostra menos permeável à presença de estudantes dos níveis inferiores de *status* socioeconômico, nos quais os mulatos e pretos estão mais representados.

A análise do desempenho dos estudantes segundo a condição racial e o *status* socioeconômico revelou que ao gradiente de cor corresponde uma gradação no desempenho do estudante, evidenciando que o melhor desempenho cabe aos brancos e aos de mais elevado *status*.

A comparação dos segmentos preto e branco no nível de *baixo status* evidenciou que, mesmo em condições socioeconômicas similares, os pretos estão sujeitos a maiores desvantagens.

Os oriundos da escola privada, em todos os segmentos raciais, apresentam melhor desempenho que os da escola pública, em ambos os momentos. As médias acompanham o gradiente de cor, de modo que as mais elevadas são as dos brancos, ficando com os pretos as menores. No grupo de *alto status* socioeconômico, vindo da escola privada, as médias de ingresso acompanham o gradiente de cor, cabendo a mais elevada aos brancos. A análise do rendimento mostra que embora as maiores médias sejam as dos brancos e morenos, os pretos têm média mais elevada que os mulatos, aproximando-se dos morenos.

Entre os estudantes de *baixo status* vindos da escola pública, o melhor desempenho dos pretos sinaliza para um forte embate para superar as fragilidades da escolarização

anterior e aponta para uma valorização do curso superior como possibilidade de mudança da sua situação social.

O *status* socioeconômico e a cor do estudante estão associados ao prestígio da carreira. Assim, nas carreiras que desfrutam de maior prestígio estão melhor representados os mais *claros* e de *status* mais elevado. O desempenho no vestibular considerando o prestígio da carreira evidenciou que quanto mais valorizada, maior a média do estudante; aí os brancos e morenos estão melhor representados. Chama atenção o melhor rendimento dos pretos de *alto status* em cursos de *alto* prestígio.

A escolaridade do pai tem efeito sobre o desempenho do estudante, mostrando que os estudantes cujos pais possuem escolaridade superior têm maiores médias que aqueles cujo pai não completou o antigo curso primário. Entre os estudantes de baixo *status* que estão em carreiras de alto prestígio, embora a menor média seja dos pretos, os mulatos têm um excelente desempenho, mais elevado que o dos demais segmentos raciais. O bom desempenho de mulatos e pretos de *baixo status* sugere um forte embate desses indivíduos com as condições de vida do seu grupo social, em que se associam uma precária situação material aos efeitos do racismo. Por essa razão, esses estudantes podem ser também considerados *uma improbabilidade estatística*, como sugere Portes (2000:46), referindo-se aos estudantes pobres que ingressam em universidades públicas em carreias prestigiadas.

Os estudantes *claros* têm médias de ingresso mais elevadas num maior número de carreiras, em todos os níveis de prestígio, mas quando se trata do rendimento, apesar de terem melhor desempenho na maior proporção das carreiras de *alto* prestígio, nos demais níveis são os *escuros* que atingem médias mais elevadas no maior número de carreiras. Isso evidencia que é pelas carreiras de *alto* prestígio que se trava a disputa mais acirrada entre os segmentos raciais. Chama atenção o desempenho dos pretos e mulatos, no curso de *Medicina*, a carreira mais prestigiada do *ranking*, indicando que apenas aqueles estudantes de excepcional desempenho se sentem encorajados a competir por esse espaço.

Referências Bibliográficas

- Andrews, George R. “Negros e brancos em São Paulo (1888 – 1988)”. Bauru, Edusc, 1998.
- Bessa, Nícia M. Acesso ao ensino superior no Brasil. Estudos de Avaliação Educacional, S. Paulo: Fundação Carlos Chagas, (1): 47-61. jan./jun., 1990
- Brito, Luiz N. e Carvalho, Inaiá M. de. Condicionantes sócio-econômico dos estudantes da Universidade Federal da Bahia. Salvador, CRH/UFBA, 1978.
- Castro, Cláudio Moura e Ribeiro, Sérgio. “Desigualdade Social e acesso à universidade – dilemas e tendências”. *Fórum Educacional*, Rio de Janeiro, 3 (4): 3-23, dez. 1979.
- Maggie, Yvonne. “Graduação e Pós-Graduação nas Ciências Humanas no Brasil: desafios e perspectivas”. IFICS – UFRJ. s./d., (mimeo.)
- Monteiro, Fernando B. M. “Condicionantes sociais e econômicos do acesso à universidade”. *Estudos em Avaliação Educacional*. São Paulo, Nº 1, jan.-jun. 1990, p. 71-119.
- Nogueira, Maria Alice Romanelli, Geraldo e Zago, Nadir (orgs). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis, Vozes, 2000, p. 125 - 154.
- Portes, Écio Antonio. “O trabalho escolar das famílias populares”. In: Nogueira, Maria Alice Romanelli, Geraldo e Zago, Nadir (orgs). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis, Vozes, 2000, p. 61-79.
- Prior, Wilma P. “Determinantes do rendimento no vestibular da Universidade Federal de Sergipe”. Salvador, Faced/UFBA, 1994 (Dissertação de Mestrado).
- Ribeiro, Sérgio Costa e Klein, Rubens. “A divisão interna da universidade: posição social das carreiras”. *Educação e Seleção*, N. 5, Fundação Carlos Chagas, jan./ fev., 1982, p. 29-43.
- Ribeiro, Sérgio Costa. “Acesso ao ensino superior : uma visão”. *Estudos em Avaliação Educacional*. São Paulo, Nº 1, jan.- jun. 1990, p. 63-69.
- Ribeiro, Sérgio Costa. “Mecanismos da escolha da carreira e estrutura social da universidade”. *Educação e Seleção*, Nº 3, 1981
- Ribeiro, Sérgio Costa. “Quem vai à universidade”. *Ciência Hoje*. Nº 4, 1983.
- Santos, Cássio Miranda dos. “A aparente responsabilidade do Vestibular na elitização da universidade pública – uma análise dos dados da Universidade Estadual Paulista –

VUNESP/1993”. *Avaliação Educacional*, Fundação Carlos Chagas, jan./jun., nº 15,1997, p. 226-254.

Serpa, Luiz Felipe P. “Universidade brasileira centro de excelência ou indigência?”. *Cadernos Expogeo*, Nº 003, Salvador, 1992, p. 45-49.

Zucco, Cezar. “Relação entre graduação e pós-graduação”. Florianópolis, Projeto de Discussão sobre a Pós-Graduação Brasileira, 1996, (mimeo.)

Tabelas

Tabela 20a – Distribuição dos estudantes segundo a média de pontos no vestibular e rendimento em cursos de *alto* prestígio, por cor

	Escore					Rendimento				
	T	B	M	M	P	T	B	M	M	P
Medicina	5,48	5,64	5,54	5,20	5,32	7,31	7,24	7,33	7,48	7,49
Processamento de Dados	6,80	6,69	6,95	6,76	6,69	5,80	5,88	5,54	5,41	6,92
Engenharia Elétrica	6,92	7,01	6,94	6,74	6,64	6,20	6,27	6,23	5,97	6,00
Direito	6,73	6,74	6,74	6,66	6,50	6,98	6,87	7,11	6,89	6,65
Odontologia	6,60	6,62	6,61	6,55	6,50	7,13	7,31	7,03	6,54	7,54
Psicologia	6,33	6,32	6,35	6,20	6,44	6,86	7,03	6,90	5,84	6,95
Engenharia Civil	6,47	6,54	6,45	6,30	6,41	5,98	6,15	5,81	5,26	5,23
Engenharia Mecânica	6,43	6,51	6,46	6,18	6,27	5,22	5,21	5,47	4,19	5,66
Engenharia Química	6,36	6,46	6,37	6,33	6,06	4,97	5,30	5,13	4,47	4,19
Administração	6,13	6,17	6,17	5,85	6,06	6,31	6,43	6,17	6,47	6,78
Arquitetura	6,11	6,08	6,11	6,26	5,99	6,43	6,57	6,41	6,05	6,18

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

Sig. :∞ < 0,1

Tabela 20b - Distribuição dos estudantes segundo a média de pontos no vestibular e rendimento em cursos de *alto médio* prestígio, por cor

	Escore					Rendimento				
	T	B	M	M	P	T	B	M	M	P
Comunicação	6,38	6,38	6,40	6,29	6,27	6,40	6,53	6,47	5,42	7,35
Ciências Econômicas	5,88	5,94	5,86	5,90	5,82	4,88	5,46	4,33	6,01	4,85
Ciências Contábeis	5,73	5,69	5,75	5,70	5,74	3,89	3,86	3,64	4,20	4,72
Medicina Veterinária	5,62	5,64	5,64	5,52	5,68	5,43	5,42	5,47	5,31	5,44
Enfermagem	5,43	5,51	5,44	5,40	5,29	6,39	6,18	6,51	6,27	6,54
Engenharia Sanitária	5,42	5,38	5,46	5,39	5,42	3,89	3,86	3,64	4,20	4,72
Nutrição	5,43	5,42	5,46	5,40	5,39	5,76	5,74	5,67	5,87	6,22
Química Industrial	5,48	5,36	5,52	5,55	5,54	3,45	3,90	3,51	3,22	1,53
Engenharia de Minas	5,35	5,31	5,39	5,32	5,26	2,79	3,37	2,63	2,55	2,85
Pedagogia	5,21	5,20	5,25	5,29	5,10	6,16	5,83	6,08	6,65	6,57

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

Sig. :∞ < 0,1

Tabela 20c - Distribuição dos estudantes segundo a média de pontos no vestibular e rendimento em cursos de *médio* prestígio, por cor

	Escore					Rendimento				
	T	B	M	M	P	T	B	M	M	P
Letras Vernáculas com Língua Estrangeira	5,73	5,72	5,74	-	-	5,45	5,00	6,36	-	-
Desenho Industrial	5,95	6,03	5,90	5,91	6,23	5,79	3,98	6,32	5,77	7,72
Farmácia	5,70	5,68	5,70	5,74	5,71	5,07	5,02	5,26	4,74	4,87
Educação Física	5,33	5,39	5,35	5,31	5,83	5,16	3,96	5,26	5,45	6,82
Ciências Sociais	5,56	5,62	5,56	5,49	5,54	4,91	4,70	4,28	5,44	6,08
Língua Estrangeira	5,83	5,94	5,86	5,61	5,75	4,31	4,28	4,35	3,49	4,97
Artes Plásticas	5,39	5,42	5,40	5,24	5,30	6,08	6,00	5,95	6,36	7,41
Matemática	5,44	5,49	5,44	5,46	5,40	3,43	3,36	3,27	3,96	3,03
Letras Vernáculas	5,44	5,57	5,40	5,40	5,27	5,11	4,83	5,04	5,61	4,69
Química	5,27	5,30	5,34	5,18	5,12	2,64	3,38	2,66	2,38	2,19
Agronomia	5,02	5,02	5,04	4,96	5,03	4,80	4,38	4,95	5,04	4,38
Secretariado	5,08	5,11	5,08	4,99	5,08	6,76	6,48	6,86	6,64	7,11

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

Sig. :∞ < 0,1

Tabela 20d - Distribuição dos estudantes segundo a média de pontos no vestibular e rendimento em cursos de *médio baixo* prestígio, por cor

	Escore					Rendimento				
	T	B	M	M	P	T	B	M	M	P
Artes Cênicas – (Interpretação)	5,43	5,56	5,42	5,27	-	5,79	6,11	5,77	5,42	-
História	5,80	5,87	5,81	5,77	5,71	5,62	5,19	5,61	5,93	5,89
Ciências Biológicas	5,44	5,52	5,42	5,33	5,35	4,67	4,31	4,56	5,78	4,56
Física	5,37	5,46	5,38	5,39	5,24	2,13	1,56	2,43	2,13	1,62
Filosofia	5,45	5,32	5,61	5,30	5,33	4,97	4,18	4,90	6,45	4,94
Música	5,29	5,28	5,57	5,04	4,73	6,56	7,48	5,99	7,37	6,33
Artes Cênicas – (Direção)	5,32	4,98	5,73	5,13	-	6,08	5,93	7,25	4,52	-
Geofísica	5,48	5,64	5,54	5,20	5,32	3,08	2,91	3,72	1,99	3,94
Artes Cênicas – (Licenciatura)	4,94	4,72	5,21	4,80	5,02	6,80	5,19	7,26	6,90	8,15
Dança	5,03	5,13	5,09	4,75	4,83	5,11	5,13	5,05	4,77	5,89
Composição e Regência	5,31	5,36	5,32	5,33	4,86	6,39	6,88	6,09	6,00	7,26
Geologia	5,11	5,08	5,14	5,06	5,11	2,94	2,63	2,76	3,48	3,76
Estatística	4,97	4,95	5,04	4,93	4,91	2,00	2,16	2,03	1,91	1,93

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

Sig. :∞ < 0,1

Tabela 20e - Distribuição dos estudantes segundo a média de pontos no vestibular e rendimento em cursos de *baixo* prestígio, por cor

	Escore					Rendimento				
	T	B	M	M	P	T	B	M	M	P
Instrumento	5,12	5,17	5,52	4,92	4,65	6,94	6,17	7,36	6,27	8,33
Geografia	5,39	5,46	5,42	5,27	5,43	4,71	4,90	4,31	5,39	4,01
Canto	5,18	4,90	5,33	-	4,41	5,70	5,03	6,10	-	3,61
Museologia	5,15	5,21	5,20	5,05	4,91	5,37	5,15	5,63	4,65	6,14
Biblioteconomia	4,99	5,04	5,00	4,98	4,93	6,16	5,12	6,18	6,41	6,97
Desenho e Plástica	4,88	4,98	4,85	4,90	4,77	5,87	5,08	5,73	5,94	5,68
Licenciatura em ciências 1º grau	4,84	4,86	4,82	4,79	4,94	4,89	4,69	4,85	4,90	5,20

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

Sig: 0,0